

DA LUTA AO CIBERESPAÇO, RETRATO FEMININO EM MOVIMENTO

MITTMANN, Solange (UFRGS)

sol.discurso@gmail.com

SCHONS, Carme Regina (UPF)

crschons@gmail.com

Tomamos como ponto de partida a circulação de fotos de mulheres de movimentos sociais no ciberespaço. A produção e a circulação das fotos fazem com que essas mulheres destituídas de espaços na mídia conquistem um lugar de visibilidade. São sujeitos que, pelo corpo, captam o movimento da câmera e são captados por ela, e a partir desse instante passam a circular por diferentes mídias. Partindo do movimento dos gestos da mulher e do fotógrafo à produção da foto e desta à circulação na internet, discutiremos transpasses e deslizes: entre o individual do olhar para a câmera e o coletivo da luta; entre o que a imagem furta e o que ausência da palavra impõe; entre os efeitos produzidos pelos bens simbólicos e os processos de interiorização de constrangimentos que permitem o aprendizado da vida em grupo; entre o estacionamento da imagem e o movimento na/da história. Consideramos que essas questões não funcionam sob a forma de bipolaridade, mas numa contradição constitutiva. Assim, lábios cerrados e rostos semicobertos por lenços sugerem vozes silenciadas e exclusão do sujeito, mas trazem falas anônimas do feminino, cujas protagonistas, com foices, bandeiras, cartazes e o próprio corpo, organizam a luta por uma causa coletiva.

Posar para a foto: o individual no coletivo.

Como a natureza do discurso é da ordem do repetível, do já-lá do interdiscurso, funcionando pela memória, no intradiscurso, o discurso produzido sobre uma materialidade imagética se dá no encontro particular do disperso, sob o efeito de unidade, e os sentidos se constroem na opacidade da história, sob os efeitos de evidência e de transparência. Na análise de fotos de mulheres de movimentos sociais, a percepção do contato entre FDs é inevitável já que o interdiscurso intervém, isto é, a materialidade de outros discursos (da mesma FD ou de outras) é posta em circulação na/pela imagem, além da circulação da própria imagem na mídia.

O ato de posar para a foto difere do retrato embora os dois se entrelacem pelo individual. O individual constitui o retrato e produz efeitos sobre aquele que flagra, para

a câmera, certa imagem. De nosso ponto de vista, posar para a foto traz a memória do retrato, uma vez que registrar um instante significa sempre um novo olhar, tendo presente algo daquele instante do passado. Apresenta-se, então, o singular do sujeito e do olhar de quem posa à frente da câmera, e também o particular do instante e do olhar de quem está atrás da câmera: o fotógrafo e o leitor. Aquele instante, ao retornar a cada novo olhar, é sempre ressignificado no fato de que o retrato percorre o caminho da história. A historicidade da imagem faz-se presente no recortado na lente da câmera: não há limite entre dentro e fora; o sujeito que se mostra e o sujeito que capta são historicizados pela luta coletiva. O *um* atravessa o *outro* e é atravessado por ele; no fascínio em rede e na domesticação do olhar, no conflito e atravessamento entre o individual e o coletivo.

O trajeto da imagem no recorte da lente.

O dentro e o fora no recorte da lente põem em relevo os fios e os furos do que o fotógrafo costuma fixar ou “ancorar”, uma vez que os sentidos da fotografia são vários, superpostos. Nas imagens 1 e 2, o corpo significa: os olhos são a cadeia do corpo e representam o controle do olhar de dentro para fora, ou seja, para o olhar do próprio fotógrafo. O que é interior e o que é exterior se confundem, e, por conseguinte, a segmentação dos dois espaços se anula, formando um só. É uma subjetividade que constitui o coletivo e se constitui nele.

Nos processos – distintos mas imbricados – de posar para a foto e de produzi-la, a quase vigilância do *um* e do *outro* se faz pela força da história de sujeitos apagados em/por instituições; o *um* e o *outro* dão identidade e alteridade.



Imagem 1*

* Mulher da Via Campesina em manifestação no Ministério da Agricultura em março de 2009. No jornal Vooz, em março de 2010, ilustra notícia sobre manifestação e ocupação em Bonito (PE).
http://www.vooz.com.br/imagem/noticias/imagem_d08ef72a870a9c79449950bffcaef1d9.jpg



Imagem 2**

As imagens movimentam uma multidão de sentidos, porque são enunciados feitos de linguagem, em que observamos uma realidade sensível e que permite uma associação inconsciente ou indireta de dois mundos: de um lado, o visível e, de outro, o invisível. No contato entre o *um* e o *outro* (o dentro e o fora da imagem), recuperado pelo interdiscurso, a imagem furta (na foto 1) e o silêncio da palavra impõe (na foto 2). Nestes enunciados, dá-se o efeito de uma realidade e são convocados lembranças e esquecimentos de algo conhecido.

Na imagem 1, a posição da mulher é de sustentar o cartaz, mantendo-se detrás dele. Ao mesmo tempo, sobrepõe-se ao corpo o lenço e a palavra escrita no lenço, que reforçam a institucionalização, mas também a impressão de que ela está silenciada pelo lenço que fala. Num gesto de intrincamento, o dia nacional da mulher é o dia nacional de luta, porque a mulher dos movimentos sociais é a mulher-luta, é a mulher pelo coletivo.

O que temos dela é o que fica de fora do lenço: o olhar, que também significa. Eis novamente a contradição: o lenço tapando a boca é o silêncio que simboliza a fala. A fala daquela que não é tomada, na grande mídia, como ser falante e contável. Por isso, o formato do lenço é o do fora da lei, que precisa esconder o rosto, ao mesmo tempo que os olhos aparecem e (re)velam a forma de contato que tem com o mundo: é por onde a mulher vê e é vista em sua individualidade. O *um* e o *outro* se vigiam. Como fora da lei, é preciso estar atenta ao outro: o fotógrafo e nós, leitores, no lugar do fotógrafo. No

** Maráisa Talaska Porto na audiência pública da Subcomissão Permanente de Defesa da Mulher no Senado, após ação da Brigada Militar no acampamento das mulheres da Via Campesina em Rosário do Sul (RS) em março de 2010.
<http://www.brasildefato.com.br/v01/agencia/nacional/mulheres-da-via-campesina-ocupam-area-ilegal-da-transnacional-stora-enso>

outro, que é o estranho, ela se reconhece como *um* e não só como o movimento social. Tal contradição faz emergir duas forças que se cruzam *em um mesmo espaço*.

Para Courtine e Haroche,

Se o tratado tem uma grande preocupação em separar silêncio e palavra, em marcar que um não pode substituir o outro, e em inverter a hierarquia de valores que atribui tanto prestígio ao verbo, é porque há na palavra o perigo de uma *desposseção de si*. (COURTINE & HAROCHE, 2001, XX)

Já em relação à foto 2, a imagem recortada pelo fotógrafo abre o processo de interpretação em direção aos efeitos da repressão sobre a ação de um coletivo e, ao mesmo tempo que a fotografia se mostra ao observador, também traz a força do individual sobre o coletivo. Apesar de o lenço não cobrir o rosto, nem cerrar os lábios, o que fala mais são as marcas da violência sobre o corpo. O corpo marcado é descortinado e exibido. Não é preciso dizer com palavras, o olhar para a câmera e o gesto da mão de pôr o corpo à mostra denuncia: o corpo é a prova, as marcas falam.

Corpo, marcas, lenços, olhares... o discurso do feminino se constitui pelo movimento da história e movimenta os sentidos da história, traz sentidos outros, faz com que deslizem.

Considerações finais

A imagem serve de suporte para aquilo que Gadet e Pêcheux definem como o lugar do ilógico, do não-formulável, já que estão a desconstruir a lógica do sujeito do espetáculo construído pela mídia, a do sujeito representante do capitalismo, preso ao individualismo, alérgico ao coletivo. Sob o ponto de vista do *real da história*, há possibilidades de encontrar o conflito e atravessamentos constantes entre o individual e o coletivo, pois o gesto de posar para a foto faz parte do coletivo. E aquela que é invisível à mídia, passa a ocupar um lugar coletivo de visibilidade.

O lugar onde o sujeito da fotografia tem possibilidade de olhar é de onde ele pode ser visto como indivíduo e não como a massa que usa o mesmo lenço, ou como indivíduo que expõe marcas da violência no corpo; é o sujeito que marcha na mesma direção e que enfrenta a polícia, o agressor, mas deixa-se tomar pela câmera.